

ARTISTAS, PATRIMÓNIO E O MUSEU

NOTAS BIOGRÁFICAS DOS ARTISTA

José de Guimarães (Portugal, 1939)

É um dos grandes artistas portugueses com uma obra extremamente prolífica e diversificada na pintura, escultura e outras atividades criativas, que marcou a história de arte contemporânea desde os anos 1960. Vive e trabalha entre França e Portugal criando conexões culturais e colaborações com figuras culturais significativas em ambas as culturas.

A sua primeira exposição individual em Paris foi em 1979, seguido por inúmeras exposições em todo o mundo. Muitas das suas obras estão expostas em diversos museus europeus, bem como nos Estados Unidos da América, Brasil, Canadá, Israel e Japão. José de Guimarães fundou o Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG) em Guimarães, onde a programação artística é dominada pela fusão entre as vastas coleções etnográficas do artista alojadas no CIAJG e o trabalho de jovens artistas convidados para residências.

Julien Creuzet (França, 1986)

É um artista franco-caribenho que vive e trabalha em Paris. Artista visual e poeta, entrelaça ativamente estas duas práticas através de amálgamas de escultura, instalação e intervenção textual que frequentemente abordam a sua própria experiência na diáspora. Creuzet teve recentemente exposições individuais no Centre Pompidou para o Prix Marcel Duchamp (2021), Document (2020), Palais De Tokyo, Paris (2019), High Art, Paris (2019), CAN Centre d'Art Neuchâtel (2019), Fondation d'Entreprise Ricard (2018) e Bétonsalon, Paris (2018). Creuzet também expôs em exposições coletivas no Wesleyan University Museum of Art (2021), no Sweet Pass Sculpture Park (2021) e no Musée d'Art Moderne de Paris (2020).

Kiluanji Kia Henda (Angola, 1979)

Vive e trabalha em Luanda, Angola. No seu trabalho multimédia, Kia Henda repensa a história, seja por meio de escultura, instalação, vídeo e fotografia, seja por instalações em grande escala. Histórias paralelas desviam a história da sua Angola natal com cenários alternativos ligados à história da “museologia da cultura angolana”.

Com uma carreira internacional importante, Kia Henda em 2012 ganhou o Prémio Nacional da Cultura e Artes, outorgado pelo Ministério da Cultura de Angola, em 2017, venceu o Frieze Artist Award e em 2019 foi selecionado para o projeto Unlimited Basel.

Recentemente Kia Henda participou também nas seguintes exposições selecionadas: THE SHADOWS TOOK FORM, The Studio Museum of Harlem, Nova Iorque, 2013; PRODUCING THE COMMON, Dakar Biennale, Dakar, 2014; THE DIVINE COMEDY, Museum für Moderne Kunst, Frankfurt e Smithsonian Institute, Washington, 2014; SURROUND THE AUDIENCE, New Museum Triennial, New York, 2015; MUSEUM (SCIENCE) FICTIONS - MUSEUM ON/OFF, Centre George Pompidou, Paris, 2016; CONSTELLATIONS, Tate Gallery, 2017. O seu trabalho encontra-se presente em diversas coleções públicas e privadas, tais como: Museum of Modern Art, Warwaw, Poland; Tate Modern, Collection of Contemporary Art, London, England; Fondazione di Venezia, Public Collection, Venice, Italy; Sindika Dokolo, African Collection of

Contemporary Art, Luanda, Angola; Queensland Art Gallery, Gallery of Modern Art, Brisbane, Australia; Collezione Sciarretta (Nomas Foundation), Private Collection, Rome, Italy; Rui Costa Reis, Private Collection of Contemporary Art, Luanda, Angola; Metropolitana di Napoli, Public collection, Napoli, Italy; Fundação PLMJ, Public Collection, Lisbon, Portugal; Emile Stipp, Video Art Collection, Johannesburg, South Africa.

Mariana Caló e Francisco Queimadela (Portugal, 1984, 1985)

O Duo Artista recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais desde 2010. O trabalho deles é crítico e poético. Luminous Shadow mostrado nesta exposição nasceu duma residência artística desenvolvida na proximidade do acervo do Centro Internacional de Artes José de Guimarães e gira em torno da obra de José de Guimarães. Através da manipulação de imagens e sons provenientes das exposições, catálogos e conversas do Centro, é montada uma linguagem experimental, procurando estabelecer uma recombinação de tempos e contextos.

Sergio Verastegui (Peru, 1981)

Vive atualmente em Paris depois de ter estudado na Escola de artes visuais do Rio de Janeiro e na École Nationale Supérieure d'art Villa Arson em Nice. A escassez de meios e de gestos constitui a base da reflexão de Sergio Verastegui sobre a questão da relação com a realidade. Na sua obra o artista desconstrói o 'museu', analisando as suas formas incipientes e primitivas. Cria objetos autónomos que evocam a apropriação praticada historicamente pelos museus e refletem os princípios clássicos de 'musealização'.

Na sua carreira artística, Sergio Verastegui realizou numerosas exposições pelos 3 continentes e ganhou o Prix Jeune Creation, em 2013, seguida duma exposição no Centre Pompidou, Paris.

Susana Gaudêncio (Portugal, 1978)

Licenciada em Pintura pela Universidade de Lisboa e tem um MFA pelo Hunter College, em NYC (CUNY). É investigadora de doutoramento na Universidade de Lisboa, com o tema "O Impulso Utópico na prática da Arte Contemporânea". Expôs os seus trabalhos no Museu Nacional de Arte Contemporânea, Fundação Calouste Gulbenkian e Museu da Eletricidade de Lisboa; Centro de Artes Visuais (CAV) em Coimbra; a Bienal de Liverpool; a Fundação ISE em NYC, etc. Gaudêncio coordena o Programa de Educação da Trienal de Arquitetura de Lisboa. É professora da Escola Superior de Arte e Design, em Caldas da Rainha, lecionada no Programa do MFA.

O seu trabalho é geralmente baseado em pesquisa e combina desenhos complexos, fotomontagens e animações, feitas através da modificação de imagens pessoais e imagens encontradas. Os seus projetos elaboram a relação entre o legado histórico da produção artística como plataforma para encontrar novas possibilidades de questionamento da utopia, que ela compreende como dispositivo crítico.

Théo Mercier (França, 1984)

É um escultor, pintor e fotógrafo francês. Licenciou-se como designer e é autodidata como artista. Estagiou com Matthew Barney em 2008. O seu trabalho explora a intersecção da antropologia, etnografia, geopolítica e turismo. Possui uma carreira

internacional importante, tendo exposto os seus trabalhos importantes em museus como o Quai Branly Paris, Museu de Artes do México, Villa Medici Roma e participado nas principais bienais. O seu trabalho é baseado num imaginário surreal e onírico povoado por criaturas singulares, misteriosas e muitas vezes monstruosas. A maior parte das peças de Théo Mercier resultam de um processo de antropomorfização de objetos (objetos encontrados, montagens, sobreposições, colagens ou transplantes), geralmente resultando em presenças que são velhas e jovens, masculinas e femininas.